

# EUGÉNIO DE CASTRO *IBÉRICO* – IDEOLOGIZAÇÃO DA SUA RECEÇÃO ESPANHOLA

*IBERIAN* EUGÉNIO DE CASTRO – IDEOLOGIZATION OF HIS SPANISH RECEPTION

*Miguel Filipe Mochila*

(Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Porto Rico)

<https://orcid.org/0000-0002-6218-6678>

## RESUMO

Eugénio de Castro, o poeta português mais lido, traduzido, comentado e celebrado em Espanha na primeira metade do século XX, sofreu um processo de progressiva apropriação ideológica no marco do período *modernista*. Este texto analisará, assim, os fatores ideológicos que subjazem à receção espanhola do autor, no contexto da condição crítica da Espanha moderna, que vive neste tempo uma situação semiperiférica e pós-imperial que permeabiliza a receção da obra e figura pública de Eugénio de Castro. Como veremos, essa receção está assim marcada por uma subtil retórica iberista que, fazendo-se progressivamente institucional e politizada, tem na verdade ascendência castelhana, funcionando como instrumento simbólico corretivo da condição crítica espanhola.

*Palavras-Chave:* Eugénio de Castro, Estudos Ibéricos, Estudos Transatlânticos, Iberismos, Modernismo.

## ABSTRACT

Eugénio de Castro, the most widely read, translated, commented and celebrated Portuguese poet in Spain in the first half of the 20th century, underwent a process of progressive ideological appropriation during the *modernista* period. This text proposes an analysis of the ideological factors

that underlie the Spanish reception of the author, in the context of the critical situation of modern Spain, currently dealing with its semi-peripheral and post-imperial condition. That condition permeates the Spanish reception of Castro's works and public figure. As we shall see, this reception is thus marked by a subtle Iberian rhetoric. In the end lies a Castilian primacy, progressively institutionalized and politicized. Therefore, Eugénio de Castro's Spanish reception acts as a symbolic corrective instrument of the Spanish critical condition.

*Keywords:* Eugénio de Castro, Iberian Studies, Transatlantic Studies, Iberianisms, Modernism.

Desmentindo o título deste texto, bem se pode dizer de antemão que não existe, na expressão total que recobriria a subjacente caracterização, um Eugénio de Castro propriamente *ibérico*. Para demonstrar isso mesmo, e sendo embora o poeta português mais lido, traduzido, comentado e celebrado em Espanha na primeira metade do século XX, procurarei relevar aqui os ditames ideológicos que de raiz minam essa sua aparente iberização. Conforme veremos, esta não responde a qualquer espécie de materialização de uma visão conciliatória ou ecuménica das relações peninsulares, que uma primeira leitura da sua ampla e variegada receção espanhola poderia cuidar surpreender. Pelo contrário, o perfil ibérico de Eugénio de Castro responde, na verdade, a vetores de poder material e simbólico que, sob a capa de uma retórica mais ou menos vagamente *iberista* de que a sua figura se faz de facto instrumental, têm afinal ascendência castelhana. Bem mais apropriado seria, pois, falar antes da *iberização* castelhana de Eugénio de Castro, a qual servirá, como veremos, de soteriologia à situação crítica – semiperiférica e pós-imperial – da Espanha moderna, assumindo um acentuado vinco institucional,

quando não propriamente estatal, numa progressiva e cada vez mais politizada ideologização da sua obra e figura.

Cabe desde já salientar, nesta ótica, que é este um caso bem ilustrativo da pertinência de certa suspicácia (vejam-se as expressivas reservas neste campo de Gabilondo (2019 e 2013-2014) em relação a uma visão essencialista do *ibérico* e/ou do *peninsular*, como um dos principais perigos em que podem incorrer os Estudos Ibéricos. Parece hoje inegável afirmar que, respondendo ao *spatial turn* das Humanidades e ao ressurgimento dos *Area Studies*, influenciados pelos pressupostos pós-coloniais de Spivak (2005) e beneficiando de abordagens sistêmicas como as preconizadas por Even-Zohar (1990) ou Āurišin (1988), os Estudos Ibéricos têm vindo a demonstrar, nas últimas duas décadas, a mais-valia que pressupõe considerar, como unidade de análise basilar no domínio dos estudos culturais e literários outrora compartimentados em leituras estritamente nacionais, a realidade geográfica da Península Ibérica em toda a sua extensão e complexidade. E, no entanto, importa outrossim não ignorar a convencionalidade metodológica de tal espaço, recusando, em conformidade com o sustentado por César Domínguez (2013) ou Santiago Pérez Isasi (2013), qualquer perspetiva apriorística do mesmo, evitando a mera substituição das tradicionais fronteiras nacionais, cuja crítica tem sido delineada pelos mesmos Estudos Ibéricos, por uma nova entidade geográfica supranacional, de similar arbitrariedade essencialista, incorrendo no perigo de os desideologizar.

Com efeito, os implícitos de poder, conflito, hierarquias e imaginários culturais que permeabilizam a legibilidade dos espaços, entendidos como construtos dinâmicos e relacionais,<sup>1</sup> obrigam, no

1 Dessa condição dinâmica do espaço literário dá expressivamente conta Casanova (2004: 175): “Literary spaces not an immutable structure, fixed once and for all in its hierarchies and power relations. But even if the unequal distribution of literary resources assures that such

domínio em particular dos Estudos Ibéricos, a uma reconfiguração do espaço peninsular que observe a sua condição de objeto ideológico e não incorra num novo essencialismo. Contra tal essencialismo ibérico se impõe uma leitura que, tendo em conta o conceito semiótico de cultura, na senda do *cultural turn* descrito por Clifford (1988), que a observa na sua condição de construto comunicacional (Geertz, 1973), sem solução de homogeneidade, não oblitere a complexidade da dinâmica das interferências entre sistemas internos à realidade peninsular. Em face desta, a realidade ibérica constitui um objeto cuja complexa configuração exige a atenção tanto a elementos de identificação – de que as várias expressões iberistas, em particular oitocentistas, são a mais explícita e propagandeada manifestação<sup>2</sup> – quanto a elementos conflituantes, não ignorando as suas contradições e disputas internas, as forças que vão determinando a sua construção histórica para lá das relações factualmente documentáveis, como bem recomendam Sáez Delgado e Pérez Isasi (2018: 7).

Para a configuração de uma comunidade imaginária ibérica, importa destacar, por conseguinte, a contrapelo de uma afirmação ontológica, práticas que a consubstanciam como metageografia e que, não prescindindo dela, transcendem a análise da produção literária, implicando uma leitura integrada de outras realidades habitualmente secundarizadas, como elementos recetivos, lógicas institucionais, fatores ideológicos e relações pessoais, revelando o modo como os textos

forms of domination will endure, it is also a source of incessant struggle, of challenges to authority and legitimacy, of rebellions, insubordination, and, ultimately, revolutions that alter the balance of literary power and rearrange existing hierarchies.”

2 Para além dos trabalhos de referência de Hipólito de la Torre (2018, 2006, 1983), a propósito das relações de proximidade e conflito de Espanha e Portugal, e em particular no que respeita a perspectivas dos fenómenos ibéricos como as que informam a minha leitura do caso aqui em análise, vejam-se os estudos de César Rina (2020, 2017) e de Sérgio Campos Matos (2017a, 2017b, 2007).

interagem com processos culturais, históricos e sociais mais amplos. Assim, a receção espanhola de Eugénio de Castro (1869-1944), entre finais do século XIX e ao longo da primeira metade do século XX, participa de uma construção retórica e imaginária do espaço identitário ibérico, pelo que importa salientar o que nesse espaço e nessa receção resulta de uma elaboração ideológica. Para tal, devemos atender à confluyente – e conflituante – situação histórica da Península, que baliza traços comuns – e contraditórios –, relevando o modo como a receção da obra e da figura do autor de *Oaristos* (1890) é instrumental para a construção de uma pretensa identidade ibérica, profundamente dependente, afinal, da condição pós-imperial e semiperiférica da Espanha moderna, a justificar a ideologia iberista de teor castelhanocêntrico que permeabiliza a dita receção.

Naturalmente, o período *modernista* aqui estudado revela-se particularmente fértil para a ponderação destes fatores, marcado como está por princípios transnacionais subjacentes à exemplar prorrogativa de Díez-Canedo (1920: 9), um dos mais influentes críticos do momento, que afirmaria que “El contacto con otra civilización, con otro pensamiento, no absorbe los propios; únicamente los modifica, y siempre en sentido progresivo”, refletindo uma epocal e estruturante associação entre cosmopolitismo e modernização (Maíz, 2008). Uma tal propensão internacionalista materializa-se, no período aqui em análise e no contexto peninsular, numa significativa profusão de movimentos de aproximação especificamente ibérica, ecoando um lastro cultural oriundo das vagas iberistas oitocentistas, mesmo que à margem de propostas unitaristas no que respeita a um concreto horizonte político ou estatal.<sup>3</sup>

3 Importa recordar que Sardica (2013) e Matos (2007) distinguem, precisamente, diversos conceitos ou modelos de iberismos, quer sejam de pendor mais especificamente político ou económico, quer apresentem um sentido mais latamente cultural.

Ora dessa aproximação ibérica é a atenção espanhola à obra e figura de Eugénio de Castro um dos mais notórios exemplos,<sup>4</sup> marcada por uma impressionante longevidade e variedade, numa transversalidade geracional e estética que o converte em referência fundamental para *modernistas* espanhóis, como Francisco Villaespesa, ou *noventayochistas*, como Miguel de Unamuno, para vanguardistas da órbita do *Ultraísmo* ou autores do *veintisiete*. Confirma-se, desse modo, a pertinência de empregar o conceito de *modernismo* como categoria periodológica, tal como defenderam, com a conhecida pregnância crítica, Federico de Onís (1968), Ricardo Gullón (1971) ou Juan Ramón Jiménez (1999), proporcionando uma ampla e concertada compreensão do conjunto de elementos, múltiplos e contraditórios, que compõem a modernidade peninsular, isto é, aquilo que Nil Santiáñez (2002) designa pelo seu caráter *poligenético*, e comprovando igualmente, acrescente-se, a vantagem de uma abordagem transnacional como a promovida pelos Estudos Ibéricos.

Com efeito, as relações hispânicas de Eugénio de Castro atravessam todo o *continuum modernista*, tal como o tem vindo a caracterizar Antonio Sáez Delgado (vejam-se, por exemplo, 2020 e 2014), materializando-se em traduções, comentários críticos, ações culturais e contactos pessoais e epistolares, eventos públicos de consagração e viagens, extravasando por conseguinte o domínio da produção textual e alavancado à força de um capital simbólico, para empregar a perspetiva de Bourdieu (1996), que tem nos elementos recetivos território fértil de afirmação.

Para a chegada do português ao universo das literaturas hispânicas foi fundamental a tutelar figura de Rubén Darío, que o celebrou

4 As relações hispânicas de Eugénio de Castro têm sido estudadas por Álvarez e Sáez Delgado (2006), Álvarez e Alonso Estraviz (2008), Carvalho (2007), Lourenço (2005) ou Mochila (2019, 2019a, 2016, 2014), além do clássico e pioneiro estudo de John M. Fein (1958).

como mestre da nova literatura cosmopolita em *Los raros* (1896), obra que assinala o desejo cosmopolita do *modernismo* ibero-americano (Siskind, 2014), inaugurando a inscrição do português no contexto da procura dos seus autores por conquistarem, também eles, um capital simbólico coletivo, de dimensão verdadeiramente continental (Mejías-López, 2009), no contexto das disputas geoculturais da modernidade internacional. Efetivamente, a atenção à obra e figura de Eugénio de Castro disseminar-se-ia, na segunda metade dos anos 90 do século XIX, desde logo entre autores do círculo *modernista* de Buenos Aires, em cujo Ateneo apresentou Darío, em 1896, a conferência sobre o português depois incluída em *Los raros*, achando então Castro eco privilegiado em nomes como Luis Berisso, tradutor da sua tão bem-sucedida *Belkiss* portenha de 1897; Leopoldo Lugones, o autor das palavras introdutórias a essa edição; ou Leopoldo Díaz, que com o português trocou cartas e a quem dedicou poemas próprios e traduções. Na Argentina conheceria, pois, a obra de Castro profusa tradução e difusão, em publicações como *Atlántida*, *El Sol de Domingo*, *Búcaro Americano*, *Enseñanza Argentina*, *La Vida Literaria*, *Ilustración Sudamericana*, *La Nación*, *El Diario*, *La Prensa*, *Caras y Caretas* ou *La Obra*.

O poeta português alcançaria logo, como disse, renome continental. Resenhado e publicado em *El Cronista* do Panamá, *El Cojo Ilustrado* da Venezuela, *La Revista* da Bolívia, *Diario de El Salvador*, *Revista Moderna* ou *El Nacional* do México, *La Nueva República* do Chile, *Valparaíso* de Cuba ou *Revista Nueva* de Honduras, animaria o interesse de autores da mais diversa proveniência, tais como Julio Herrera y Reissig, Max Grillo, Francisco García Cisneros, José María Barreta, Bórquez Solar, Abelardo Varela, Julio Vicuña Cifuentes, Antonio Gómez Restrepo ou Alejandro Zorrilla de San Martín. Da sua reputação ibero-americana, destaca-se em particular o lastro mexicano, que o relacionou com Alfonso Reyes, Amado Nervo, Bal-

bino Dávalos, que com ele mantiveram relações epistolares e pessoais, e Juan José Tablada, seu prolixo tradutor na fulcral *Revista Moderna*, onde vieram a lume dezenas de páginas de versos do português em números sucessivos. Cabe destacar também a antologia da sua poesia publicada em 1919 na Cidade do México. Mencione-se também a importante difusão obtida na Colômbia, protagonizada sobretudo por Samuel López, tradutor de *El anillo de Polícrates* (1908), mas também por Guillermo Valencia e Ismael-Enrique Arciniegas, outros célebres tradutores da sua obra. Relevante é igualmente a atenção crítica de leitores tão decisivos para os rumos interpretativos do *modernismo* ibero-americano como o uruguaio Víctor Pérez Petit e o guatemalteco Enrique Gómez Carrillo.

Na sequência desta ampla difusão ibero-americana, e confirmando a forte ascendência exercida por Rubén Darío sobre o *modernismo* espanhol em inícios do século XX, num processo a que Mejías-López (2009) sugestivamente chamaria *conquista inversa*, testemunhando outrossim o potencial descolonial do modernismo a que se refere Kalliney (2016), nas suas dinâmicas transatlânticas, Eugénio de Castro chegaria por fim a Espanha, onde a sua obra seria igualmente reconhecida como precursora da renovação poética demandada pela jovem geração. Coincidindo com a ascendência estética e simbólica dariana, ali encontraria eco em nomes como o inevitável Francisco Villaespesa, animador do movimento novista, que o traduziu, difundiu, editou e plagiou; Juan Ramón Jiménez, que com o português manteve relação epistolar; ou Juan González Olmedilla, seu tradutor em diversas ocasiões. Eugénio de Castro seria então nome frequente em publicações fundamentais do momento, como *Revista Ibérica*, *Revista Latina*, *Helios*, *La Vida Literaria* ou *Almanaque Sud-Americano*.

Porém, e como assinalai anteriormente, o poeta português não seria apreciado apenas pelos seus traços inovadores ou cosmopolitas,

sob égide dariana, sendo também lido e elogiado por outra figura tutelar desses tempos: Miguel de Unamuno dedicou ao português, com o qual manteria uma intensa e duradoura relação de amizade, vertida numa notável abundância epistolar, várias páginas críticas, visando em particular *Constança* (1900), cuja temática nacional de ressonância clássica sobremaneira lhe interessou e para cuja edição espanhola, publicada em Salamanca em 1913 na tradução do seu aluno Francisco Maldonado, assinou o prólogo.

A longevidade inaudita da leitura hispânica do poeta português tocaria também autores dos primeiros círculos vanguardistas, como Rafael Cansinos Assens, que o traduziu em *Los Quijotes*, em 1919, Ramón Gómez de la Serna, diretor da revista *Prometeo* que publicou a *Salomé* castriana na versão de Ricardo Baeza (1910), ou Goy de Silva, pretense responsável pela edição clandestina de *Los siete durmientes*.<sup>5</sup> Mas destacam-se sobretudo, na difusão da obra e figura de Eugénio de Castro na transição para o momento das vanguardas históricas e até à década de 20, Carmen de Burgos, que em *Cosmópolis* assinaria importantes páginas críticas sobre o autor; Enrique Díez-Canedo, o mais profuso e atento crítico espanhol de Eugénio de Castro, de que foi também tradutor; Rogelio Buendía, outro dos seus tradutores, que lhe dedicaria veementes páginas em *Lusitania. Viaje por un país romántico* (1920); e César González-Ruano, que faz o mesmo em *Un español en Portugal* (1928). Neste contexto, o nome do português faz-se presença assídua em publicações decisivas para a

5 Em *Un español en Portugal* (1928), González-Ruano atribui a publicação clandestina desta obra castriana, com ilustrações de Moya del Pinto e sem menção do tradutor, aos diretores da coleção Orfeo, onde foi publicada, Ricardo Baeza e Goy de Silva. A verdade é que Goy de Silva protagonizaria depois uma polémica com González-Ruano, enjeitando a acusação, mas afirmando, ainda assim, o direito a publicar a obra do português sem prévio consentimento do autor.

difusão dos preceitos vanguardistas, tais como, além das já mencionadas, *Grecia* ou *Cervantes*.

Confirmando a referida longevidade, importa referir que o poeta português penetrou igualmente no círculo de autores e publicações próximos ao *veintisiete*, destacando-se desde logo a fundacional *La Gaceta Literaria*, em que chega a publicar nesse icónico ano de 1927. Receberia além disso juízos críticos de José María de Cossío ou Martínez Fortún, e manteria relação com Mauricio Bacarisse, que o converte em personagem do seu romance experimental *Los terribles amores de Agliberto y Celedonia* (1931), e Gerardo Diego, que inclui traduções de poemas seus em *Paisaje con figuras* (1956) e *Tántalo* (1960).

Para uma tão profícua e longeva receção contribuíram centenas de páginas em revistas e jornais espanhóis da primeira metade do século XX, nas quais se publicaram traduções das poesias castrianas e resenhas críticas à sua obra. Prova do capital simbólico que o poeta conquistou é o facto de ser o autor mais representado nas antologias dedicadas à poesia portuguesa do período, como as organizadas e traduzidas por Enrique Díez-Canedo (1917) ou Fernando Maristany (1918). Sobre as suas obras escreveram Julio Camba, Ángel Guerra, Julio Nombela y Campos, Josep María López-Picó, Enrique Díez-Canedo, Ramón Pérez de Ayala, o Conde Santibañez del Río ou Andrés González-Blanco, em publicações tão diversas como, além das já enunciadas, *Gente Joven*, *Vida Intelectual*, *Revista General*, *El Sol*, *Residencia*, *Galicia*, *Prisma*, *Cruz y Raya*, *Hispania* ou *Revue de L'Amérique Latine*.

Conforme verificamos, as relações hispânicas de Eugénio de Castro confirmam, desde logo, a antecipação e decisão ibero-americana no contexto do modernismo hispânico. Por outro lado, suportam a caracterização dessa categoria histórica como um *continuum* heterogéneo, definido por uma propensão dupla, pró e contramoderna,

onde convivem e amiúde se confundem tendências internacionalistas e nacionalistas. Importa agora observar que, se o português conquistou um tal ímpeto nas letras hispânicas, tal se deve em grande medida a uma prévia celebridade internacional – confirmando o prestígio do critério cosmopolita da época para a definição do capital simbólico autoral – de que é prova taxativa o vastíssimo acervo epistolográfico atualmente à guarda da Universidade de Coimbra, onde se conservam as centenas de cartas recebidas por Eugénio de Castro de nomes fundamentais da vanguarda simbolista europeia, como Stéphane Mallarmé, Jean Moréas, René Ghil, Paul Adam ou Viélé-Griffin, Maeterlinck, Albert Mockel ou Émile Verhaeren, Vittorio Pica, Stuart Merrill ou Hedwig Barsch.<sup>6</sup> Difundido por uma revista tão marcante como o *Mercure de France*, anunciado como jovem valor europeu na *Jeune Belgique* e publicado na *Revue Blanche*, na *Revue Encyclopédique*, em *La Petite Revue* ou na *Revue Française*, o português integraria assim precocemente o leque de autores destacados nos centros de canonização da poesia novista. Esta relação conheceria uma forte institucionalização, tendo sido o poeta acolhido por universidades de Paris, Bordéus, Toulouse, Lyon ou Estrasburgo em 1923 e 1924, tendo recebido, em 1929, as insígnias de doutor *honoris causa* pelas duas últimas, tendo viajado também até Nápoles e Roma a convite da Real Academia de Itália, ou até Bruxelas, onde seria recebido como

6 Alguns desses nomes juntar-se-iam ao banquete de homenagem a Eugénio de Castro, oferecido em Paris, a 15 de julho de 1896, organizado por Catulle Mendés com o apoio de Brinn'Gaubast, e onde se fizeram representar as revistas *L'Ermitage*, por Edouard Ducoté, *La Critique*, por G. Bans, e *L'oeuvre*, por Lugné Poe, onde marcaram presença Henri de Régnier, Robert de Montesquiou, Camille Mauclair, Alfred Valette, o diretor do *Mercure de France*, e onde foram lidas algumas traduções de poemas de Eugénio de Castro da autoria de Marc Legrand, bem como cartas e telegramas de Gustave Khan, Stéphane Mallarmé, Paul Adam, Jules Fenard ou Vittorio Pica, os quais, na circunstância ausentes da capital francesa, aderiram ainda assim dessa forma à celebração do português.

académico pela Academia Real de Língua e de Literatura Francesas da Bélgica, distinção que juntou a várias outras: membro correspondente da Academia Real de Belas-Artes S. Fernando, Grande Cruz de Santiago, Grande Oficial da Coroa de Itália, da Coroa da Bélgica, do Brasil, da Cruz Vermelha alemã, Cavaleiro de Cristo e de St. Olaf da Noruega.

Mas interessa-me destacar, sobretudo, como motivo fulcral para a atenção espanhola à sua obra e à sua figura, a sincronia histórica vivida então por Espanha e Portugal, no quadro de um síndrome de decadência comum que em boa parte determina a aproximação ibérica (Matos, 2017a), que se constitui assim como soteriologia da condição periférica dos estados peninsulares, respondendo a uma tensão geocultural regional marcada por uma crise de consciência (Newcomb, 2018) em que ancora a aproximação espanhola a Portugal, através da figura de Eugénio de Castro como seu representante simbólico. Essa crise, em larga medida marcada por um contexto pós-imperial, em face da perda colonial espanhola de 98<sup>7</sup> e da crise portuguesa em África – que leva mesmo Gabilondo (2019) a identificá-la como único verdadeiro fundamento ibérico –, bem como por uma ausência de referentes positivistas e industriais que noutras esferas ditavam, nomeadamente na Europa central e nos Estados Unidos, o impulso do propalado progresso, relegando para uma situação subalterna – também esteticamente – os siste-

7 A propósito do traumático impacto da crise de 1898, veja-se Pan Montojo (1998) e Storm (2001). Acerca da visão portuguesa da perda colonial espanhola, veja-se Matos (2002), autor que também destacou o modo como uma integração peninsular surgiu em parte como solução estratégica em face da comum condição periférica ibérica (Matos, 2017a: 312), salientando em particular a emergência de um sentido de solidariedade ibérica associado quer à Guerra Hispano-Americana de 1898, quer ao *Ultimatum* britânico de 1890 a Portugal (Matos, 2017a: 318).

mas peninsulares, confrontados ademais com o conflito entre liberalismo e reação e com o advento do republicanismo e respetivas crises monárquicas e, no caso espanhol, com o ressurgimento dos nacionalismos periféricos, permeabiliza com efeito a receção espanhola de Eugénio de Castro.

Se é certo que uma tal situação histórica ajuda a explicar outrossim a hesitação estética que marca as literaturas peninsulares, agudizando a já de si constitutivamente dupla condição da modernidade estética (Calinescu, 1987), travada entre tendências modernas e anti-modernas, cosmopolitas e nacionalistas, como em particular para o caso espanhol analisou Mainer (2010), e que efetivamente caracterizam tanto a obra do poeta português quanto o perfil da sua receção hispânica, como observei noutra ocasião (Mochila, 2019a), interessa-me agora enfatizar sobretudo o lastro ideológico que lhe subjaz e que enforma essa receção. A ambiguidade de que se reveste a relação peninsular com França é, com efeito, paradigmática dessa condição periférica. Assim, numa autobiografia originalmente publicada em 1924 em *La Nación* de Buenos Aires, Eugénio de Castro assinalava a concomitância de uma vocação internacionalista e de uma preocupação nacionalista:

Pus novas cordas à minha lira ferrugenta, e partindo com ela para Paris, afinei-a ali, nas margens do Sena, pelo diapasão francês, mas de modo que os seus acordes, sendo novos, continuassem sendo eminentemente portugueses pela sua emoção e pela sua harmonia. O carácter nacional da música não vem da terra em que foi fabricado o alaúde, mas da alma que o pulsa. A prova de que nas minhas tentativas não havia a menor intenção desnacionalizadora está na circunstância, bem significativa, de eu ter acompanhado as inovações mais revolucionárias com a restauração, bem conservadora, das formas arcaicas genuinamente portuguesas (Castro, 1969: 11-12).

Não surpreende, pois, que a mesma ambiguidade atravessasse os comentários críticos espanhóis a Eugénio de Castro. A consagração internacional do português, em particular nos centros de canonição da nova literatura, levaria González Olmedilla (1922: xxi) a exaltar o facto de manter o autor uma “convivencia intelectual con los mejores poetas de la moderna poesía francesa (...) descubierto y consagrado en París por los intelectuales franceses contemporáneos de Verlaine”, ao passo que em *La Vanguardia*, em crítica a *Constantza*, se realça que o autor, “para entrar en Madrid tuvo que dar la vuelta por París y venir impuesto por la moda francesa” (1914: 12). O mesmo acontecera já, aliás, no contexto da sua receção ibero-americana, copartícipe, afinal, do mesmo mito da modernidade europeia (Mejías-López, 2009), confirmando a comum perceção de se viver uma marginalidade no contexto do desenvolvimento da modernidade em Espanha e na Ibero-América, que ajuda a explicar a dimensão transatlântica do cosmopolitismo modernista,<sup>8</sup> como observou Venegas (2014), já que Darío (1896: 255) sublinhara que conhecera o poeta português através da crítica italiana e francesa – “Abonado por Rémy de Gourmont y Vittorio Pica encontró abiertas de par en par las puertas de mi espíritu” –, ao passo que Berisso (1897: xxv-xxvi) valorizava a sua tradução destacando o modo como Castro “ha entrado triunfante en París, la capital del arte”.

8 Do modo como também no contexto ibero-americano se manifesta uma tal ambiguidade são exemplares as palavras de Darío e Jaimes Freyre (1967: 45), logo em 1894, na sua *Revista de América*, em termos aliás bastante semelhantes aos que acabamos de encontrar na autobiografia do poeta português, explicitando os autores que a publicação visa “Mantener, al propio tiempo que el pensamiento de innovación, el respeto a las tradiciones y la gerarquía [sic] de los maestros; trabajar por el brillo de la lengua castellana en América, y, al par que por el tesoro de sus riquezas antiguas, por el engrandecimiento de esas mismas riquezas en vocabulario, rítmica, plasticidad y matiz.”

Porém, e por outro lado, os leitores espanhóis do poeta português destacariam igualmente a propensão nacionalista que também descobriam na sua obra. Destaca-se, neste particular, e sem surpresa, Miguel de Unamuno, que encontrava em *Constança* a mais acabada materialização dessa propensão, fonte de uma intensa afinidade temática (Mochila, 2019b). O bilbaíno sublinharia justamente o casticismo castriano —

En su primera época apareció Castro a muchos de sus compatriotas, enamorados ciegamente de lo que llaman vernacular, como un poeta exótico imitador de la poesía francesa novísima. Pero no supieron ver esos sus compatriotas que le encontraban poco castizo, cómo por debajo de las galas de la literatura, que llamaré internacional, palpitaba el espíritu más arraigadamente portugués (Unamuno, 1911: 13).

— e já antes, em carta de 28 de fevereiro de 1903 dirigida ao português, reconhecia nesta mesma linha a sua *galofobia*:

Sólo conocía a usted por una traducción de su *Belkiss* que me envió mi amigo Berisso, de Buenos Aires, y por referencias. [...] Con la sincera aunque ruda franqueza que en todas mis cosas empleo, he de decirle que *Belkiss*, si bien me gustó mucho a trozos y admiré su arte, no me satisfizo. El arte degenera allí a ratos en artificio. No lo puedo remediar, padezco de galofobia. [...] Con este ánimo emprendía la lectura de sus *Poesias escolhidas* y he de confesarle que mi opinión respecto a Vd. se ha modificado no poco. Hay en ese libro composiciones que he leído tres, cuatro, seis, diez veces ya (Álvarez e Sáez Delgado, 2006: 183-184).

Cabe recordar, quanto a este ponto, as reservas espanholas no que respeita à ascendência cultural francesa, que encontramos expres-

sas, por exemplo, no artigo “Impresiones portuguesas” de Gerardo Diego (1997: 521), publicado em *La Nación* de Buenos Aires:

Por fortuna, creo ya pasado el momento de que en nuestros países ibéricos subsista un estado de espíritu que ha llevado a muchos escritores a sentirse idealmente esclavos de Francia. Francia, en el siglo XVIII, en el XIX y aun algo en el XX, nos ha hecho mucho bien y no poco mal.

No mencionado artigo, onde relata a sua viagem a Portugal, Diego manifestava, aliás, o mal-estar castelhano em relação ao francesismo das literaturas ibero-americanas, sintomático da anteriormente referida dimensão pós-imperial que atravessa o senso periférico espanhol, numa espécie de nostalgia do império que Mejías-López (2009: 89-90) identificou também nas *Cartas e Nuevas cartas americanas* de Juan Valera e que se transmuda, em carta enviada pelo espanhol a Rubén Darío, numa quase desesperada invetiva:

Con el galicismo mental de usted no he sido sólo indulgente, sino que hasta le he aplaudido por lo perfecto. Con todo, yo aplaudiría muchísimo más, si con esa ilustración francesa que en usted hay, se combinase la inglesa, la alemana, la italiana, y ¿por qué no la española también? Al cabo, el árbol de nuestra ciencia no ha envejecido tanto que aún no pueda prestar jugo, ni sus ramas son tan cortas ni están tan secas que no puedan retoñar como mugrones del otro lado del Atlántico (Valera, 1958: 298).

É assim no marco desta moderna situação periférica, que dita a concomitância de um ensejo internacionalista e de uma hesitação nacionalista na literatura espanhola, conforme tem observado de modo convincente Jesús Torrecilla (2006, 1996), que se dá a progressiva iberização castelhana de Eugénio de Castro, instrumental

para a constituição de uma comunidade imaginária, para usarmos a célebre formulação de Benedict Anderson (1983), na aproximação simbólica entre Portugal e Espanha firmada através da persistência da retórica de um *Eugénio de Castro ibérico* veiculada pelos seus leitores e interlocutores espanhóis. Assim, Unamuno (1909: 7) recordava que “he hablado muchas veces con Eugenio de Castro de la leyenda ibérica, recordando las glorias de las dos naciones y las empresas que juntas realizaron estos dos pueblos se han hecho para vivir juntos”. A propósito do doutoramento *honoris causa* do português pela Universidade de Salamanca, justamente no contexto da jubilação de Unamuno, *El Siglo Futuro* falaria de uma “hermandad hispano lusitana” no seio de uma propalada “confraternidad ibérica” (1934: 1), ao passo que o *Almanaque Literario* sublinhava a “dimensión histórica y esencia de hispanidad” (1935: 45) que marcara o evento. González Blanco (1922: 212), associando, em tópico comum à época, essa ibericidade à latinidade, diria ser Eugénio de Castro “el poeta más latino de todos los poetas peninsulares, el que más nos enlaza a unos y a otros”, concluindo que “Entre España y Portugal no hay línea divisoria de raza, debiendo estar indisolublemente unidos” (González Blanco, 1917: 397). Já antes Villaespesa se lhe referira, em carta ao português, como “el primero de todos los poetas peninsulares” (Álvarez e Sáez Delgado, 2006: 157), ao passo que Gerardo Diego o nomearia “decano de los poetas ibéricos”, num recorte de jornal não identificado à guarda da Fundación Gerardo Diego, que pelo conteúdo se compreende ser de 1938, publicado por ocasião da homenagem que o estado espanhol ofereceu ao português em Coimbra, dedicando-lhe nessa ocasião Diego a tradução do poema “El acceitero” de Eugénio de Castro.

Eis como o português se faz objeto de apropriação retórica castelhana, a qual veicula, pois, uma certa ideia de Ibéria. Ora é evidente que não é essa Ibéria, ou pelo menos não fundamentalmente, enten-

dida na sua pluralidade e heterogeneidade constitutivas. Pelo contrário, reafirmando a bipolarização peninsular nos seus estados-nações, a receção ibérica de Eugénio de Castro está na verdade dotada de um notório pendor castelhanocêntrico, manifesto desde logo na primazia da sua tradução castelhana, já para não falar das suas relações pessoais, afinal sensíveis aos favores de uns já de si favorecidos mediadores culturais, combinando outrossim com a ideologia conservadora de Castro, o qual facilitaria a sua própria institucionalização e progressiva politização por parte do estado espanhol e suas instituições. Exemplo disso é a publicação, em 1923, de *A Mantilha de Medronhos*, livro de sonetos dedicados a terras espanholas e a nomes como o Marquês de Quintanar, Antonio Maura, Ramiro de Maeztu, Manuel Cossío, Elías Torno, Luis Romano, Miguel de Unamuno, Luis Maldonado, Eugenio d'Ors, Juan Ramón Jiménez, Juan González Olmedilla, Alejandro Padilla, Enrique Díez-Canedo, Ramón Pérez de Ayala, Antonio G. Solalinde, Andrés González-Blanco, Marquês de Figueroa, Francisco A. de Icaza, Juan José García, José Manuel Bartolomé, Francisco Maldonado, Andrés Martínez Salazar, Alberto Jiménez ou o Conde de Romanones. É notório o perfil maioritariamente conservador e castelhanista deste elenco, num livro, afinal emblematicamente, dedicado a Alfonso XIII, “versos escritos em louvor do glorioso reino que tão galhardamente ostenta na bandeira nacional o oiro puro do seu génio e o sangue ardente da sua alegria” (Castro, 1923: 9).

Mesmo a importante relação de Eugénio de Castro com a Galiza, estudada por Álvarez e Alonso Estraviz (2008), compreendendo viagens várias, crónicas, relações epistolares e a presença em revistas da relevância histórica de *Alfar* ou *Ronsel*, bem como os próprios poemas de *A Mantilha de Medronhos* dedicados a Tuy, Pontevedra, Orense, Corunha e Santiago, não elude o referido castelhanocentrismo do autor. A comprová-lo, veja-se o modo como esses poemas

são relegados para o fim do volume, que abre com três sonetos dedicados a Madrid, seguindo-se depois um outro dedicado a El Escorial e mais dois a Toledo, foco castelhano que na verdade perpassa até os poemas galegos do livro, retomando a visão bipolar e estatal do território peninsular, ao revelar o interesse castriano pela Galiza é na verdade portuguesista, centrado na partição Portugal/Espanha:

(...)

Vejo ali Portugal, e estou em Espanha,  
Lá está Valença, e em baixo corre o Minho.

Terras irmãs, com fraternal carinho,  
Uma retrata a outra; e o sol, que as banha,  
Loira mãe, com os olhos acompanha  
As duas gémeas no infantil bercinho.

No vale, a ponte, que une os dois países,  
Lembra-me o emblema, que é frequente ver  
Nas missivas d'amor, no amor que inquieta

Ternos amantes na paixão felizes,  
Emblema em que há dois corações a arder,  
Atravessados pela mesma seta (Castro, 1923: 43-44).

Semelhantemente, no poema dedicado a Pontevedra, lemos que “O galego é uma língua apaixonada, // Um quasi português d’anho estrangeiro...” (Castro, 1923: 46).

Facilitando-a, assim vai sendo o português progressivamente institucionalizado em território castelhano, convidado a pronunciar em Granada uma conferência sobre Castilho em 1917, feito sócio correspondente da Real Academia Espanhola e, sobretudo, amplamente

celebrado na capital de Espanha no biénio 1922-1923, recebido na circunstância pelo rei no Palácio de Oriente e convidado pela Residência de Estudiantes, pelo Ateneo, pelo Instituto Francés e pela Legación Portuguesa para diversos atos públicos, sendo homenageado num jantar oferecido no Hotel Palace e tendo visto publicar-se nesses anos uma antologia da sua poesia pela editorial Cervantes e o primeiro volume das suas *Obras* completas em castelhano (que incluía *Oaristos e Horas*), em tradução de Juan González Olmedilla, numa luxuosa edição da editorial Castilla.<sup>9</sup>

Aos vários eventos desse périplo madrileno adeririam nomes como Jacinto Benavente, Ramón del Valle-Inclán, Enrique Díez-Canedo, Andrés González-Blanco, Américo Castro, Eugenio d’Ors, Ramón Pérez de Ayala, Ortega y Gasset, Ramiro de Maeztu, Alberto Jiménez Fraud, Pedro Salinas, Francisco A. de Icaza, Julio Camba, Pedro Emilio Coll, Pío Baroja, Juan Ramón Jiménez, Azorin, Eduardo Marquina, Ramón Gómez de la Serna, Manuel Bueno ou Linares Rivas. O discurso do português no referido jantar, reproduzido a 16 de março de 1922 em *El Sol*, no artigo “En honor de Eugenio de Castro”, subtítulo “Fraternidad ibérica”, ilustra tanto a mencionada bipolarização peninsular nas que diz serem as “duas pátrias peninsulares”, quanto a clara distinção que faz entre ambas, não se podendo, por isso, confundir a sua instrumentalização castelhana – que de facto, como acabamos de verificar, o próprio

9 Confirmando o intuito institucionalizante subjacente a estes eventos e publicações, note-se que, a abrir o referido volume, é Eugénio de Castro pomposamente apresentado como membro da Academia Real de Ciências de Portugal, da Real Academia Espanhola, Diretor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Fidalgo, Cavaleiro da Casa dos Senhores Reis D. Carlos I e D. Manuel II de Portugal, Comendador da Ordem de Santiago e da de Alfonso XII de Espanha, Cavaleiro da Ordem de Cristo e da de Santo Olavo da Noruega.

facilitava, animado pela adesão ao tópico da “fraternal simpatia” — com qualquer ideologia expressamente iberista:

Las palabras que el ilustre y venerado señor marqués de Figueroa acaba de dirigirme como intérprete de todos los comensales aquí reunidos, entre los cuales orgullosamente reconozco algunos de los más prestigiosos nombres de España, esas palabras llenan de profundo y conmovido reconocimiento mi corazón de portugués y de artista. Como artista, mi conciencia claramente me deja ver lo que hay de amablemente exagerado en el homenaje que me prestáis, cuyo recuerdo será para mí en adelante mi más bello, más luminoso título de gloria; como portugués, adivinando la completa sinceridad de vuestros sentimientos, viendo bien que vuestra bondad para conmigo es el eco de vuestra fraternal simpatía hacia mi tierra, con regocijo me congratulo del completo y magnífico éxito de la misión que aquí me trajo. Abandonando algunos días mi país, mis ocupaciones y mi familia, salí de Portugal con el propósito de cumplir un sagrado deber de patriota, para contribuir, en la medida de mis débiles fuerzas, con todo el calor de mi entusiasmo, en la bella obra de aproximación espiritual de las dos patrias peninsulares. (...) Gracias, señores, por la gallarda liberalidad con que afectualmente honráis a mi patria en mi persona; en nombre de ella os extiendo mis brazos, estrechándoos en ellos con la más cariñosa ternura y deseando de todo corazón para vuestra tierra todos los triunfos y prosperidades que yo filialmente deseo para la mía (1922: 3).<sup>10</sup>

Seja como for, a progressiva institucionalização castelhana de Eugénio de Castro ganharia contornos particularmente significativos

10 A propósito da ambígua situação dos iberismos em Portugal, importa recordar que mereceram sempre bastante desconfiança, conforme nota Matos (2017a: 309-310).

já no final da década seguinte, confirmando o modo como se dá uma progressiva ideologização das relações literárias luso-castelhanas ao longo da primeira metade do século XX, e em particular a partir das décadas de 30 e 40, conforme observou recentemente Sáez Delgado (2020). Com efeito, em 1938, quatro anos depois de ser investido com as insígnias de doutor *honoris causa* pela Universidade de Salamanca, e em plena guerra civil, o estado espanhol envia a Coimbra uma comitiva liderada por Antonio Maura, Javier Lasso de la Vega e Eugenio d’Ors, para homenagear, num evento público, o poeta português. Esta homenagem, para a qual enviaram poemas, autógrafos e traduções nomes como José María Pemán ou Gerardo Diego, simpatizantes da causa franquista, revela o modo como a institucionalização castelhanista de Eugénio de Castro assumiu um progressivo pendor ideológico e fortemente politizado,<sup>11</sup> aproximando-o do círculo da *Acción Española*. Dessa politização é cabalmente ilustrativa a performance de Eugenio D’Ors, o qual, envergando o uniforme da Falange, conforme testemunham as fotografias e notícias publicadas em “*In Memoriam* de Eugénio de Castro” (*Biblos*, 1946), entregou ao português uma palma de louro, depois de ter feito a “saudação nacionalista”, segundo informa o *Diário de Notícias* de 13 de maio de 1938, que cita o discurso do espanhol, celebrando os progressos franquistas na guerra:

Esta rama de laurel cogida por la mano de un soldado en las costas del Mediterráneo, representa también una síntesis de nuestro patrimonio común de civilización que la desnudez de este ramo suelto, que no tiene

11 Anos mais tarde, Coimbra seria escolhida para uma pública celebração franquista, tendo aí recebido Franco o doutoramento *honoris causa* em 1949, tornando-se assim cenário de vários episódios de ideologia conservadora, sintetizados por Sáez Delgado (2020), em cuja genealogia tem a homenagem de 1938 a Eugénio de Castro um papel basilar.

lazos, acompaña como una descarga eléctrica que ilumine y haga vibrar el alma del poeta.

Também o poema que José María Pemán (1938: 5) na ocasião oferece ao português, “Salutación y mensaje para Eugénio de Castro”, publicado em maio no *ABC* de Sevilha, é explícito nessa sua politização, associando-o à causa franquista:

Cuando acabemos de vencer, Poeta,  
iremos a tus versos como a un arroyo claro.  
Ahora en la dulce España dolorida, (...)  
luchamos por tus versos (...)  
Por eso, al lado de esta seca y ruda  
Castilla que ahora sangra de un infinito empeño,  
hoy, por mi voz, España te saluda:  
Portugal que nos salvas por la Gracia del Sueño (...)  
Portugal, por tu dulce y sereno latido, (...)  
por los versos azules de tu Eugenio de Castro.

Observei já o modo como a aproximação ibérica de que Eugénio de Castro se faz instrumental surge como soteriologia da situação crítica de Espanha, enfatizando em particular o que nessa situação resulta da sua condição pós-imperial. Não surpreende, por isso mesmo, que também essa condição pós-imperial de Espanha permeabilize os comentários castelhanos à obra e figura de Eugénio de Castro, inscritos na retórica da nostalgia do império espanhol, assente num princípio – falido – de supremacia cultural sobre as ex-colónias. Assim, em 1917, Portal Fradejas, em *El Correo de Galicia*, apelaria a uma “fraternidade ibérica”, num exemplo bastante paradigmático do modo como o construto ibérico surge, na perspetiva castelhana, como corretivo pós-imperial, já que acrescenta:

La reconquista espiritual de América, que tanto apasiona a portugueses y españoles, sería uno de los temas preferidos por los hombres de ambos países y una de las semillas cultivadas con más firme interés. América puede ser el vértice donde se unan nuestras aspiraciones históricas (Portal Fradejas, 1917: 1).

De modo similar, a *Revista de la Real Academia Hispanoamericana de Ciencias y Artes* assinalaria, em 1922, que “Coimbra e Castro afirmaron con sus prestigios esa consoladora corriente de aproximación espiritual que saludamos regocijados como heraldo y nuncio de días mejores para los dos grandes pueblos de la raza creadora” (1922: 38). A retórica iberista confunde-se, pois, com aquela outra, então em voga, da reconquista cultural da América associada a um pretenso carácter originário da *raça* ou da *civilização* ibérica, como testemunha a “Canción de España a Portugal” publicada por Rogelio Buendía (1922: 28-29), nesse mesmo ano, no número 3 da revista *Contemporânea*, órgão particularmente propenso à ideologia pan-hispanista, nas suas páginas expressa, pelo lado português, por António Sardinha:

Tú y yo anduvimos en remotos tiempos  
dando a otros pueblos sangre efervescente,

Ven conmigo a decirles a esos hijos  
que en nosotros está la cepa augusta  
de cuyas uvas ellos vino beber [sic]

Despleguemos las velas de los barcos,  
despega el flanco de mis muelles  
lanza la voz de la mañana nueva,  
para ser grandes y perennes.

Em oposição à descolonização cultural ibero-americana, para a qual, curiosamente e em sentido contrário, também foi o português instrumentalizado,<sup>12</sup> assim se inscreve a receção espanhola de Eugénio de Castro no amplo processo hispanista então em voga, no qual Rivadulla Barrientos (1990), justamente, encontra uma *utopia de substituição* da perda imperial,<sup>13</sup> e o qual tem sido, no seu cruzamento com os iberismos, estudado por Matos (2017a, 2017b). Assim se confirma, em termos latos, quer o modo como na dinâmica transnacional do modernismo se esconde frequentemente uma recrudescência imperialista, como nota Kalliney (2016: 64), quer, mais especificamente, a forma como o iberismo pode assumir um fator de mobilização do nacionalismo espanhol (Matos, 2017a: 310), quer ainda a razão pós-imperial da Ibéria sustentada por Gabilondo.

12 Reclamando e exaltando, neste contexto, a antecipação ibero-americana na receção de Eugénio de Castro, Berisso escreve ao português, a 6 de dezembro de 1897, afirmando que “*Belkiss* ha sido recibida con aplausos unánimes. Hasta ahora sólo una voz se ha levantado para decir de su obra magistral, que es una obra mediocre. Firma el artículo el Sr. Calixto Oyuela, crítico estrecho de miras, español ante todo” (Álvarez e Sáez Delgado, 2006: 114). A propósito do mesmo *oponente* espanhol, Darío, em texto sobre o referido livro de Eugénio de Castro, reiterava a crítica e repetia os moldes: “El señor Oyuela es un distinguidísimo profesor español, español primeramente; esta *Belkiss* es portuguesa, y el celo ibérico, por tanto, le ha indignado. El señor Oyuela [...] no conoce por lo que se ve, nada, absolutamente nada, del movimiento mental que ha hecho brotar las últimas manifestaciones del arte y del pensamiento aristocráticos” (Darío, 1898: 109).

13 A propósito do modo como a aproximação de Espanha a Portugal foi percebida justamente como utopia de substituição pós-imperial, note-se que Matos (2017a: 319) observou que “chegou a especular-se acerca da possibilidade de, após a sua derrota, a Espanha compensar *el desastre* e a conseqüente perda do seu império ultramarino com a ocupação de Portugal”. Também por isso houve, em Portugal, uma notória resistência ao pan-hispanismo de António Sardinha, a que vários intelectuais, como João de Barros e Bettencourt Rodrigues, opuseram o pan-lusitanismo mais vocacionado para a relação atlântica com o Brasil (Matos, 2017a: 323).

Da retórica pós-imperial que rodeia a sua receção à progressiva institucionalização e politização castelhanas, passando pela hesitação e pela ambiguidade periféricas que assinalam a sua leitura em Espanha, a receção espanhola de Eugénio de Castro revela-se fortemente permeabilizada por fatores ideológicos, fazendo da sua iberização um instrumento, afinal, tendencialmente castelhanista. A receção peninsular de Eugénio de Castro é, pois, e em suma, mais hispânica do que ibérica, já que o iberismo que a conforma simbolicamente é na verdade unívoco, respondendo à situação crítica, periférica e pós-imperial de Espanha. Portanto, a Ibéria para cuja construção é o poeta português instrumentalizado é marcadamente hispanista, castelhanocêntrica, periférica e pós-imperial.

#### REFERÊNCIAS

- AAVV (1946). “*In Memoriam* de Eugénio de Castro”. *Biblos*. 22. 1.
- ÁLVAREZ, Eloísa e Isaac ALONSO ESTRAVIZ (2008). *Eugénio de Castro e a Galiza. Epistolário (1891-1926)*. Sada: Edicións do Castro.
- ÁLVAREZ, Eloísa e Antonio SÁEZ DELGADO (2006). *Eugénio de Castro y la cultura hispánica*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- ANDERSON, Benedict (1983). *Imagined Communities*. London: Verso.
- ANÓNIMO (13 de maio de 1938). “A missão dos intelectuais espanhóis.” *Diário de Notícias*.
- ANÓNIMO (1 de janeiro de 1935). “Eugénio de Castro”. *Almanaque Literário*: 45-46.
- ANÓNIMO (1 de outubro de 1934). “Homenaje a Unamuno”. *El Siglo Futuro*: 1.
- ANÓNIMO (1922). “Confraternidad ibérica. España y Portugal”. *Revista de la Real Academia Hispanoamericana de Ciencias y Artes*. 14: 38.
- ANÓNIMO (16 de março de 1922). “En honor de Eugenio de Castro. Fraternidad Ibérica”. *El Sol*: 3.

- ANÓNIMO (5 de abril de 1914). “Constanza, por Eugénio de Castro”. *La Vanguardia*: 12.
- BERISSO, Luis (1897). “Eugenio de Castro”, in Eugénio de Castro, Belkiss, Reina de Saba, de Axum y de Hymiar. Buenos Aires: Jorge A. Kern Editor. xxiii-xxxviii.
- BOURDIEU, Pierre (1996). *The Rules of Art: Genesis and Structure of the Literary Field*. Trad. Susan Emanuel. Stanford: Stanford University Press.
- BUENDÍA, Rogelio. (1922). “Canción de España a Portugal”, in *Contemporânea*. 3: 28-29.
- CALINESCU, Matei (1987). *Five Faces of Modernity*. Durham: Duke University Press.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas (2007). “A Mantilha de Medronhos. Impressões e recordações de Espanha de Eugénio de Castro: caminhos e processos de uma imagem de Espanha à volta de 1920”. *Península*. 4: 177-194.
- CASANOVA, Pascale (2004). *The World Republic of Letters*. Trad. Malcolm B. DeBevoise. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- CASTRO, Eugénio de (1969). “Autobiografia”, in Cruz Malpique (ed.) *Eugénio de Castro — Poeta Pagão*. Separata do Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos. 16: 10-13.
- (1923). *A Mantilha de Medronhos*. Lisboa, Porto, Coimbra: Lumen.
- (1922). *Obras. Vol. I. Oaristos. Horas*. Trad. Juan González Olmedilla. Madrid: Editorial Castilla.
- CATROGA, Fernando (1985). “Nacionalismo e ecumenismo. A questão ibérica na segunda metade do século XIX”. *Cultura, História e Filosofia*. 4: 419-463.
- CLIFFORD, James (1988). *The Predicament of Culture*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- DARÍO, Rubén (1 de janeiro de 1898). “Belkiss, por Eugenio de Castro”. *La Ilustración Sud-Americana*: 103-104.
- (1896). *Los raros*. Buenos Aires: Vasconia.

- DARÍO, Rubén e Ricardo JAIMES FREYRE (1967). *Revista de América* (ed. Boyd G. Carter). Buenos Aires: Imprenta Nacional.
- DIEGO, Gerardo (1997). *Memoria de un poeta I*. Madrid: Alfaguara.
- DÍEZ-CANEDO, Enrique (8 de março de 1922). “Vida literaria – Eugénio de Castro”. *España*: 310.
- (17 de janeiro de 1920). “El ‘oro extranjero’ y la literatura francesa”. *España*: 9-10.
- DOMÍNGUEZ, César (2013). “Literatures in Spain: European Literature, World Literature, World Literature?”, in Santiago Pérez Isasi e Ângela Fernandes (eds.), *Looking at Iberia: A Comparative European Perspective*. Bern: Peter Lang, 99-119.
- ĎURIŠIN, Dionýz (1988). *Theory of Interliterary Process*. Bratislava: Veda/Publishing House of the Slovak Academy of Sciences.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (1990). *Polysystem Studies*, número especial de *Poetics Today*. 11 .1.
- FEIN, John M. (1958). “Eugénio de Castro and the Introduction of Modernism to Spain”. *PMLA*. 73.5: 556-561.
- GABILONDO, Joseba (2019). “Posimperialismo, estudios ibéricos y enfoques comparativo-sistémicos: Pornografía neoliberal española, terrorismo antropológico-turístico y oasis vasco”, in Cristina Martínez Tejero e Santiago Pérez Isasi (eds.), *Perspectivas críticas sobre os estudos ibéricos*. Venice: Edizione Ca’Foscari. 89–112.
- (2013-2014). “Spanish Nationalist Excess: A Decolonial and Postnational Critique of Iberian Studies”. *Prosopopeya*. 8: 23-60.
- GEERTZ, Clifford (1973). *The Interpretation of Culture*. New York: Basic Books.
- GONZÁLEZ-BLANCO, Andrés (1922). “Eugénio de Castro”. *Hispania* (julho-setembro): 198–237.
- (1917). “Teixeira de Pascoaes y el saudosismo”. *Estudio* (setembro): 391-414.

- GONZÁLEZ OLMEDILLA, Juan (1922). “Ensayo del traductor”, in *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*. Madrid: Cervantes. xiii-xlvii.
- GONZÁLEZ-RUANO, César.(1928). *Un español en Portugal*. Madrid: Fernando Fe.
- GULLÓN, Ricardo (1971). *Direcciones del modernismo*. Madrid: Gredos.
- KALLINEY, Peter (2016). *Modernism in a Global Context*. London, New York: Bloomsbury.
- LOURENÇO, António Apolinário (2005). “Simbolismo português – Modernismo espanhol”, in *Estudos de Literatura Comparada Luso-Espanhola*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa: 93-104.
- MAINER, José-Carlos (2010). *Historia de la literatura española 6. Modernidad y nacionalismo, 1900–1939*. Barcelona: Crítica.
- MAÍZ, Claudio (2008). “Teoría y práctica de la ‘patria intelectual’. La comunidad transatlántica en la conjunción de cartas, revistas y viajes”. *Literatura y lingüística*. 19: 165-193.
- MATOS, Sérgio Campos (2017a). *Iberismos, nação e transnação, Portugal e Espanha, c. 1807-c. 1931*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra.
- (2017b). “Iberismos e hispanismos, entre história e política: tempos e escalas”, in Sérgio Campos Matos e Luís Bigotte Chorão (eds.). *Península Ibérica: nações e transnacionalidade entre dois séculos (XIX e XX)*. Lisboa: Húmus/Centro de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 155–74.
- (2007). “Conceitos de Iberismo em Portugal”. *Revista de História das Ideias*. 28: 169–93.
- (2002). “A guerra hispano-americana (1898): repercussões em Portugal”, in *Estudos em homenagem a João Francisco Marques. Volume 2*. Porto: Faculdade de Letras do Porto. 147-162.
- MEJÍAS-LÓPEZ, Alejandro (2009). *The inverted conquest: the myth of modernity and the transatlantic onset of modernism*. Nashville: Vanderbilt University Press.

- MOCHILA, Miguel Filipe (2019a). “*The express of originality – Eugénio de Castro in the context of Hispanic modernity*”. *International Journal of Iberian Studies*. 32.1-2: 59-76.
- (2019b). “Eugénio de Castro y Miguel de Unamuno”, in Christoph Strosetzki (coord.), *Perspectivas actuales del hispanismo mundial. Literatura – Cultura – Lengua. Volumen II: Ss. XVIII y XIX y Literatura contemporánea*. Münster: VWU Münster. 347-370.
- (2016). “A prática turística e o entendimento institucional da literatura: o caso de Eugénio de Castro no horizonte das suas relações internacionais”, in Sílvia Quinteiro, Rita Baleiro e Isabel Dâmaso Santos (org.), *Turistas, Viajantes e Lugares Literários*. Faro: Universidade do Algarve. 133-150.
- (2014). “Os olhos da Nicarágua. Ler Eugénio de Castro como Ruben Darío o leu”, in Magdalena López, Ângela Fernandes, Isabel Araújo Branco, Margarida Borges, Raquel Baltazar, Sonia Miceli (org.), *ACT 29 – Literaturas e Culturas em Portugal e na América Hispânica: novas perspectivas em diálogo*. V. N. Famalicão: Húmus. 241-252.
- MONTOJO, Juan Pan (ed.) (1998) *Más se perdió en Cuba. 1898 y la crisis de fin de siglo*. Madrid: Alianza.
- NEWCOMB, Robert Patrick (2018). *Iberianism and Crisis: Spain and Portugal at the Turn of the Twentieth Century*. Toronto: University of Toronto Press.
- ONÍS, Federico de (1968). “Sobre el concepto de modernismo”, in Homero Castillo (ed.), *Estudios críticos sobre el modernismo*. Madrid: Gredos. 35-42.
- PEMÁN, José María (15 de maio de 1938). “Salutación y mensaje a Eugénio de Castro”. *ABC de Sevilla*: 5.
- PÉREZ ISASI, Santiago. (2013). “A State of the Art and Future Perspectives”, in Santiago Pérez Isasi e Ângela Fernandes (eds.), *Looking at Iberia: A Comparative European Perspective*. Bern: Peter Lang. 11-26.

- PORTAL FRADEJAS, José (12 de maio de 1917). “Hermandad hispano-portuguesa”. *El Correo de Galicia*: 1.
- RAMÓN JIMÉNEZ, Juan (1999). *El modernismo. Apuntes de curso* (ed. Urrutia, J.). Madrid: Visor.
- RINA, César (2020). *Imaginar Iberia. Tiempo, espacio y nación en el siglo XIX en España y Portugal*. Granada: Comares.
- (ed.) (2017). *Procesos de nacionalización e identidades en la Península Ibérica*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- RIVADULLA BARRIENTOS, Daniel (1990). “El discurso del hispano-americanismo español en el siglo XX: una utopia de sustitución”, in *Congreso de Jovenes historiadores y geógrafos, Atas I*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense. 1010-1011.
- SÁEZ DELGADO, Antonio (2020). *Literaturas entrelazadas. Portugal y España, del modernismo y la vanguardia al tiempo de las dictaduras*. Bern: Peter Lang.
- (2014). “Relaciones literarias entre Portugal y España 1890-1936: hacia un nuevo paradigma”. *1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*. 4: 25–45.
- SÁEZ DELGADO, Antonio e Santiago PÉREZ ISASI (2018). *De espaldas abiertas. Relaciones literarias y culturales ibéricas (1870 1930)*. Granada: Comares.
- SANTIÁÑEZ, Nil (2002). *Investigaciones literarias: modernidad, historia de la literatura y modernismos*. Barcelona: Crítica.
- SARDICA, José Miguel (2013). *Ibéria. A Relação entre Portugal e Espanha no século XX*. Lisboa: Aletheia.
- SISKIND, M. (2014). *Cosmopolitan Desires: Global Modernity and World Literature in Latin America*. Evanston: Northwestern University Press.
- SPIVAK, Gayatri (2005). *Death of a Discipline*. New York: Columbia University Press.
- STORM, Eric (2001). *La perspectiva del progreso. Pensamiento político en la España del cambio de siglo (1890-1914)*. Madrid: Biblioteca Nueva.

- TORRE, Hipólito de la (2018). *Fronteras. Estudios de historia de Portugal y de relaciones peninsulares*. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Aceres.
- (2006). *Portugal en el exterior (1807-1974). Intereses y política internacionales*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- (1983). *Antagonismo y fractura peninsular. España-Portugal, 1910-1919*. Madrid: Espasa Calpe.
- TORRECILLA, Jesús (2006). *La actualidad de la generación del 98. Algunas reflexiones sobre el concepto de lo moderno*. Cáceres: Editora Regional de Extremadura.
- (1996). *La imitación colectiva: Modernidad vs. autenticidad en la literatura española*. Madrid: Gredos.
- UNAMUNO, Miguel de (1911). *Por tierras de Portugal y de España*. Madrid: Renacimiento.
- (9 de outubro de 1909). “Discurso de Miguel de Unamuno”. *Gente Joven*: 7.
- VALERA, Juan (1958) *Obras completas. Vol. 3*. Madrid: Aguilar.
- VENEGAS, José Luis (2014). *Transatlantic Correspondence. Modernity, epistolarity and literature in Spain and Spanish America, 1898-1992*. Columbus: Ohio State Press.